

O DESAFIO DA CRISE ECOLÓGICA PLANETÁRIA PARA A POLÍTICA MUNDIAL

Joana Castro Pereira

A crise ecológica é um dos maiores desafios que a humanidade enfrenta neste século. As alterações climáticas e a degradação dos ecossistemas constituem ameaças reais para o futuro da vida no planeta¹. Contudo, ainda que a segurança global e a sobrevivência sejam temas-chave no estudo académico das relações internacionais, as questões ambientais permaneceram, durante as últimas décadas, à margem da disciplina². Esta realidade parece estar a mudar com a publicação de um número crescente de trabalhos que procuram repensar a disciplina e a prática da política mundial sob a lente da ecologia³, apelando a uma transformação política para responder à crise⁴, e que desafiam a tradicional abordagem institucionalista dominante na literatura, centrada na análise da cooperação intergovernamental e na eficácia das instituições internacionais ambientais, como os regimes do clima e da biodiversidade da Organização das Nações Unidas (Nações Unidas).

A literatura crítica e interdisciplinar em emergência na área reconhece que a existência humana transcende agora o internacional ou mesmo o global, sendo também planetária. Tal é evidenciado pela subversão antropogénica dos processos fundamentais do planeta. As ações humanas e a globalização das questões económicas, sociais e políticas não afetam apenas o mundo social; elas modificam a estrutura natural e física que regula o funcionamento do sistema terrestre⁵. Por outras palavras, a ideia de um sistema terrestre crescentemente instável e profundamente alterado pela atividade humana – consubstanciada no conceito de antropoceno, uma nova proposta de época geológica⁶ – revela a existência de um complexo sistema socioecológico planetário e evidencia a necessidade de transformar o modo como pensamos e nos relacionamos com os outros e com o planeta. Estamos perante desafios (socio)ecológicos sem precedentes, que abrem portas para conceções alternativas de ontologia, ética e política. Para as relações internacionais em particular, esta realidade implica adotar uma perspetiva «pós-antropocêntrica» da política mundial, que abrace a sua interligação inerente com o sistema terrestre; isto é, um quadro teórico, conceptual e analítico capaz de incorporar o papel permanente que a natureza desempenha no mundo social e vice-versa,

integrando as relações entre a humanidade, o planeta e as espécies não humanas que o habitam em todas as análises da política mundial⁷.

É neste quadro que o presente dossiê se insere, sendo formado por cinco ensaios que abordam criticamente o desafio da crise ecológica planetária, contribuindo para a construção de uma perspectiva pós-antropocêntrica da política mundial e abrindo caminhos para investigação futura. Os autores exploram temas como a justiça climática e multiespécies e a transição ecológica e energética em particular. Carlota Houart inicia o dossiê com um ensaio no qual tece uma crítica ao antropocentrismo e ao estatocentrismo que caracterizam a política mundial e o seu estudo (ou as sociedades humanas modernas, de forma mais ampla), e que impossibilitam uma abordagem holística da crise ecológica. Em particular, a autora argumenta que a inclusão de uma perspectiva de justiça multiespécies na análise e tomada de decisão política é fundamental para promover a sustentabilidade global. Esta perspectiva, alicerçada em princípios e cosmovisões de povos indígenas e outros para lá do Ocidente, reconhece as complexas relações entre humanos, animais, plantas, ecossistemas e elementos como a água, bem como a dependência humana em relação à natureza e a subjetividade e agência de múltiplos seres e formas de vida. Para ilustrar a justiça multiespécies, Houart recorre ao caso dos rios e a algumas iniciativas destinadas à proteção destes ecossistemas, inspiradas no paradigma contra-hegemónico dos direitos da natureza. A autora conclui o ensaio com uma breve reflexão sobre possíveis caminhos para a reinvenção multiespécies das relações internacionais, entre eles a democracia ecológica (cosmopolita)⁸ e a diplomacia interespécies⁹, bem como a criação de redes colaborativas de produção de conhecimento que envolvam as ciências naturais, sociais e humanas e os saberes tradicionais indígenas e de outras comunidades locais¹⁰.

Segue-se o ensaio de Mariana Riquito, em que a autora analisa criticamente a narrativa predominante sobre a crise climática e os esforços em curso para a transição energética, nomeadamente o «novo extrativismo» ou «extrativismo verde», de que é exemplo a corrida à exploração de lítio na região montanhosa do Barroso, situada no distrito de Vila Real, em Portugal¹¹. Tal como Houart, Riquito rejeita a ontologia dualista moderna que separa a sociedade e a natureza. Para além disso, salienta a dicotomia entre clima e ecologia presente nos principais discursos académicos e políticos. O entendimento do não humano como simples matéria-prima a ser explorada, assim como o foco quase exclusivo na redução de emissões de carbono, legitimam práticas social e ecologicamente destrutivas e reduzem as respostas e políticas públicas às alterações climáticas ao objetivo da acumulação de capital, muitas vezes através de soluções tecnológicas, suprimindo possibilidades de diálogo acerca de alternativas¹². A autora apela assim a uma «transformação ontológica». Tal implica o reconhecimento da coexistência de mundos e realidades plurais e em inter-relação, humanos e não humanos – o pluriverso¹³. Inspirada na literatura ecofeminista, Riquito fala-nos numa ética de cuidado para com todos os seres da Terra e incita-nos a pensar as montanhas

do Barroso como entidades vivas e guardiãs da vida e, assim, a repensar os princípios e valores que dão forma à transição «verde».


O tema da transição energética é também o foco do ensaio de Vera Ferreira. Mais especificamente, a autora aborda a democracia energética, um conceito que abrange o controlo democrático sobre a indústria da energia, a redistribuição do poder político e económico, o reconhecimento do direito universal às energias renováveis e a promoção da justiça social e ambiental por oposição ao «capitalismo verde», e que, argumenta Ferreira, fornece uma perspetiva única tanto para analisar de maneira crítica as implicações políticas, socioeconómicas e ambientais das mudanças no sector energético, como para imaginar futuros alternativos. No seu artigo, encontra-se um conjunto de critérios para a identificação e análise de ferramentas de democratização energética no cenário nacional. Portugal assumiu o compromisso de se tornar uma economia neutra em carbono até 2050, sendo, pois, fundamental assegurar que o custo da transição energética não seja injustamente suportado pelos grupos mais vulneráveis. Ferreira aponta igualmente linhas de investigação futura relevantes para as áreas da política comparada e das relações internacionais, tais como a análise da aplicação e desenvolvimento da democracia energética no contexto da União Europeia, procurando entender as semelhanças e diferenças entre os Estados-Membros, e o estudo da evolução internacional da democracia energética, abordando os desafios na formação de um movimento global, questionando o seu eurocentrismo e avaliando a sua aplicação em regiões do Sul Global¹⁴.

O dossiê prossegue com o ensaio de Lorenzo Feltrin e Emanuele Leonardi acerca do ambientalismo da classe trabalhadora, em particular da convergência entre a luta pelos direitos dos trabalhadores e a justiça climática rumo a uma transição ecológica que parta do local. Os autores criticam as políticas públicas de mitigação das alterações climáticas orientadas ao crescimento económico, em detrimento do bem-estar social. Feltrin e Leonardi relembram que a classe trabalhadora desempenhou um papel fundamental na politização das questões ambientais, especialmente durante as décadas de 1960 e 1970, por ocasião das lutas contra a poluição industrial, e argumentam que a transição ecológica só será eficaz se considerar as preocupações dos trabalhadores (industriais, informais, desempregados) e das comunidades em que estes se inserem. Os autores destacam o exemplo da luta dos operários da fábrica automóvel GKN, em Florença, Itália, que se uniram a movimentos de justiça climática para exigir uma transição ecológica mais justa e democrática, propondo a criação de uma cooperativa de trabalhadores para produzir e distribuir componentes para veículos elétricos como uma alternativa sustentável à produção de peças destinadas a carros de luxo. O estudo deste e de outros casos de associação entre a classe trabalhadora e o movimento ambientalista poderá ajudar-nos a compreender como e em que condições os trabalhadores estão dispostos a organizar-se em prol da transição ecológica¹⁵.

Thais Lemos Ribeiro e Verônica Korber Gonçalves encerram o dossiê com um ensaio dedicado à negociação de créditos de carbono com o povo indígena munduruku no

âmbito da aplicação do mecanismo de redução das emissões por perda e degradação das florestas (REDD+), uma iniciativa internacional negociada sob o regime do clima das Nações Unidas. As autoras investigam como este mecanismo interage com considerações de governança local e de justiça, explorando cinco perspectivas analíticas-chave fornecidas pelo Projeto Earth System Governance (uma rede de investigação dedicada ao avanço do conhecimento na interface entre a mudança ambiental global e a governança), nomeadamente «arquitetura e agência», «democracia e poder», «justiça e alocação», «antecipação e imaginação» e «adaptação e reflexão». O estudo de caso acerca dos munduruku revela a complexa interação entre a governança global do clima, os direitos indígenas e a justiça ambiental, ilustrando a necessidade de um quadro REDD+ mais inclusivo, justo e transparente, que considere as diversas visões do mundo e os interesses de todas as partes envolvidas. Ribeiro e Gonçalves contribuem assim para a nossa compreensão das intrincadas relações entre a governança global do clima e os atores no terreno, enfatizando a importância de explorar espaços onde diferentes cosmovisões se encontram, bem como de reconhecer e respeitar, em iniciativas ambientais e outras, os direitos e conhecimentos das comunidades locais¹⁶.

Pela sua natureza crítica, os contributos que integram o presente dossiê incitam-nos a pensar (e a investigar) a crise que o planeta enfrenta e a transição ecológica para lá dos limites do paradigma convencional que molda a política mundial. Em especial, desafiam-nos a olhar a crise e as suas possíveis soluções com imaginação e criatividade, sob o ponto de vista dos mais vulneráveis, daqueles que permanecem invisíveis (o não humano, as populações indígenas e outras comunidades locais, a classe trabalhadora, entre outros), rumo à construção de um mundo verdadeiramente mais justo e sustentável para todos os seres – humanos e não humanos – que o habitam. Esta é uma das formas possíveis (e mais desejáveis) de construir a tão necessária perspectiva pós-antropocêntrica das relações internacionais contemporâneas e futuras.

Na época da crise ecológica planetária, mudar é imperativo. Todavia, a mudança necessária jamais se concretizará se não nos permitirmos encontrar e explorar outras perspectivas e possibilidades, ou os vários mundos que coexistem no planeta. 

Joana Castro Pereira Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-NOVA). Professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Membro do Instituto Planet Politics. É autora de vários capítulos de livros e de mais de uma dezena de artigos publicados em revistas internacionais indexadas com fator de impacto. O seu livro em coautoria

com Eduardo Viola, *Climate Change and Biodiversity Governance in the Amazon* (Routledge, 2022), foi nomeado para o Susan Strange Best Book Prize 2022, atribuído pela British International Studies Association (BISA).

> Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal
| jcpereira@letras.up.pt

NOTAS

- 1 IPBES – «Summary for policymakers». In *The Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services*. Bona: IPBES Secretariat, 2019 IPCC – «Summary for policymakers». In *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- 2 PEREIRA, Joana Castro – «Towards a politics for the Earth: rethinking IR in the Anthropocene». In CHANDLER, David; MÜLLER, Franziska; ROTHE, Delf, eds. – *International Relations in the Anthropocene: New Agendas, New Agencies and New Approaches*. Cham: Springer, 2021, pp. 21-37.
- 3 PEREIRA, Joana Castro – «Ecology». In *Thinking World Politics Otherwise*. [Oxford]: Oxford University Press. No prelo.
- 4 Veja-se, por exemplo, BURKE, Anthony, et al. – «Planet politics: a manifesto from the end of IR». In *Millennium: Journal of International Studies*. Vol. 44, N.º 3, 2016, pp. 499-523; CHANDLER, David; MÜLLER, Franziska; ROTHE, Delf, eds. – *International Relations in the Anthropocene: New Agendas, New Agencies and New Approaches*. Cham: Springer, 2021; EROUKHMANOFF, Clara; HARKER, Matt, eds. – *Reflections on the Posthuman in International Relations: The Anthropocene, Security and Ecology*. Bristol: E-International Relations Publishing, 2017; KURKI, Miija – *International Relations in a Relational Universe*. Oxford: Oxford University Press, 2020; LEEP, Matthew – «Introduction to the special issue: multi-species security and personhood». In *Review of International Studies*. Vol. 49, N.º 2, 2023, pp. 181-200; PEREIRA, Joana Castro; RENNER, Judith – «Animals in International Relations: a research agenda». In *International Relations*. Vol. 37, N.º 3, 2023, pp. 389-397; PEREIRA, Joana Castro; SARAMAGO, André, eds. – *Non-Human Nature in World Politics: Theory and Practice*. Cham: Springer, 2020; PEREIRA, Joana Castro; TERRENAS, João – «Towards a transformative governance of the Amazon». In *Global Policy*. Vol. 13, N.º S3, 2022, pp. 60-75.

- 5 STEFFEN, Will, et al. – «The Anthropocene: from global change to planetary stewardship». In *Ambio*. Vol. 40, N.º 7, pp. 739-761.
- 6 CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. – «The "Anthropocene"». In *Global Change Newsletter*. Vol. 41, 2000, pp. 17-18.
- 7 PEREIRA, Joana Castro; SARAMAGO, André – *Non-Human Nature in World Politics...*
- 8 BURKE, Anthony; FISHEL, Stefanie – «Across species and borders: political representation, ecological democracy and the non-human». In PEREIRA, Joana Castro; SARAMAGO, André, eds. – *Non-Human Nature in World Politics...*, pp. 33-52.
- 9 FOUIGNER, Tore – «Animals and diplomacy: on the prospect for interspecies diplomacy». In *International Relations*. Vol. 3, N.º 3, 2023, pp. 449-474.
- 10 PEREIRA, Joana Castro; GEBARA, Maria Fernanda – «Where the material and the symbolic intertwine: making sense of the Amazon in the Anthropocene». In *Review of International Studies*. Vol. 49, N.º 2, 2023, pp. 319-338.

- 11 CANELAS, Joana; CARVALHO, António – «The dark side of the energy transition: extractivist violence, energy (in)justice and lithium mining in Portugal». In *Energy Research & Social Science*. Vol. 100, 2023, 103096.
- 12 LÖVBRAND, Eva, et al. – «Who speaks for the future of Earth? How critical social science can extend the conversation on the Anthropocene». In *Global Environmental Change*. Vol. 32, 2015, pp. 211-218.
- 13 QUEREJAZU, Amaya – «Cosmopraxis: relational methods for a pluriversal IR». In *Review of International Studies*. Vol. 48, N.º 5, 2022, pp. 875-890.
- 14 CAMPBELL, Ben; CLOKE, Jon; BROWN, Ed – «Low-carbon energy democracy in the Global South?». In FELDPAUSCH-PARKER, Andrea M.; ENDRES, Danielle; PETERSON, Tarla Rai; GÓMEZ, Stephanie L., eds. – *Routledge Handbook of Energy Democracy*. Nova Iorque: Routledge, 2022.
- 15 BELL, Karen – *Working-class Environmentalism: An Agenda for a Just and Fair Transition to Sustainability*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.
- 16 INOUE, Cristina Y. A. – «Worlding the study of global environmental politics in the Anthropocene: indigenous voices from the Amazon». In *Global Environmental Politics*. Vol. 18, N.º 4, pp. 25-42; PEREIRA, Joana Castro; GEBARA, Maria Fernanda – «Where the material and the symbolic intertwine...».

BIBLIOGRAFIA

- BELL, Karen – *Working-class Environmentalism: An Agenda for a Just and Fair Transition to Sustainability*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-29519-6>.
- BURKE, Anthony; FISHEL, Stefanie – «Across species and borders: political representation, ecological democracy and the non-human». In PEREIRA, Joana Castro; SARAMAGO, André, eds. – *Non-Human Nature in World Politics: Theory and Practice*. Cham: Springer, 2020, pp. 33-52. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-49496-4_3.
- BURKE, Anthony; FISHEL, Stefanie; MITCHELL, Audra; DALBY, Simon; LEVINE, Daniel J. – «Planet politics: a manifesto from the end of IR». In *Millennium: Journal of International Studies*. Vol. 44, N.º 3, 2016, pp. 499-523. DOI: <https://doi.org/10.1177/0305829816636674>.

- CAMPBELL, Ben; CLOKE, Jon; BROWN, Ed – «Low-carbon energy democracy in the Global South?». In FELDPAUSCH-PARKER, Andrea M.; ENDRES, Danielle; PETERSON, Tarla Rai; GÓMEZ, Stephanie L., eds. – *Routledge Handbook of Energy Democracy*. Nova Iorque: Routledge, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780429402302>.
- CANELAS, Joana; CARVALHO, António – «The dark side of the energy transition: extractivist violence, energy (in)justice and lithium mining in Portugal». In *Energy Research & Social Science*. Vol. 100, 2023, 103096. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.erss.2023.103096>.
- CHANDLER, David; MÜLLER, Franziska; ROTHE, Delf, eds. – *International Relations in the Anthropocene: New Agendas, New Agencies and New Approaches*. Cham: Springer, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-53014-3>.

- CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. – «The "Anthropocene"». In *Global Change Newsletter*. Vol. 41, 2000, pp. 17-18.
- EROUKHMANNOFF, Clara; HARKER, Matt, eds. – *Reflections on the Posthuman in International Relations: The Anthropocene, Security and Ecology*. Bristol: E-International Relations Publishing, 2017.
- FOUIGNER, Tore – «Animals and diplomacy: on the prospect for interspecies diplomacy». In *International Relations*. Vol. 3, N.º 3, 2023, pp. 449-474. DOI: <https://doi.org/10.1177/00471178231191292>.
- INOUE, Cristina Y. A. – «Worlding the study of global environmental politics in the Anthropocene: indigenous voices from the Amazon». In *Global Environmental Politics*. Vol. 18, N.º 4, pp. 25-42. DOI: https://doi.org/10.1162/glep_a_00479.

IPBES – «Summary for policymakers». In *The Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services*. Bona: IPBES Secretariat, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3553458>.

IPCC – «Summary for policymakers». In *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781009325844.001>.

KURKI, Milja – *International Relations in a Relational Universe*. Oxford: Oxford University Press, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780198850885.001.0001>.

LEEP, Matthew – «Introduction to the special issue: multispecies security and personhood». In *Review of International Studies*. Vol. 49, N.º 2, 2023, pp. 181-200. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0260210522000663>.

LÖVBRAND, Eva; BECK, Silke; CHILVERS, Jason; FORSYTH, Tim; HEDRÉN, Johan; HULME, Mike; LIDSKOG, Rolf; VASILEIADOU, Eleftheria – «Who speaks for the future of Earth? How critical social science can extend the conversation on the Anthropocene». In *Global Environmental Change*. Vol. 32, 2015, pp. 211-218. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2015.03.012>.

PEREIRA, Joana Castro – «Towards a politics for the Earth: rethinking IR in the Anthropocene». In CHANDLER, David; MÜLLER, Franziska; ROTHE, Delf, eds. – *International Relations in the Anthropocene: New Agendas, New Agencies and New Approaches*. Cham: Springer, 2021, pp. 21-37. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-53014-3_2.

PEREIRA, Joana Castro – «Ecology». In *Thinking World Politics Otherwise*. [Oxford]: Oxford University Press. No prelo.

PEREIRA, Joana Castro; GEBARA, Maria Fernanda – «Where the material and the symbolic intertwine: making sense of the Amazon in the Anthropocene». In *Review of International Studies*. Vol. 49, N.º 2, 2023, pp. 319-338. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0260210522000134>.

PEREIRA, Joana Castro; RENNER, Judith – «Animals in International Relations: a research agenda». In *International Relations*. Vol. 37, N.º 3, 2023, pp. 389-397. DOI: <https://doi.org/10.1177/00471178231191294>.

PEREIRA, Joana Castro; SARAMAGO, André, eds. – *Non-Human Nature in World Politics: Theory and Practice*. Cham: Springer, 2020. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-49496-4>.

PEREIRA, Joana Castro; TERRENAS, João – «Towards a transformative governance of the Amazon». In *Global Policy*. Vol. 13, N.º 53, 2022, pp. 60-75. DOI: <https://doi.org/10.1111/1758-5899.13163>.

QUEREJAZU, Amaya – «Cosmopraxis: relational methods for a pluriversal IR». In *Review of International Studies*. Vol. 48, N.º 5, 2022, pp. 875-890. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0260210521000450>.

STEFFEN, Will; PERSSON, Åsa; DEUTSCH, Lisa; ZALASIEWICZ, Jan; WILLIAMS, Mark; RICHARDSON, Katherine; CRUMLEY, Carole; CRUTZEN, Paul; FOLKE, Carl; GORDON, Line; MOLINA, Mario; RAMANATHAN, Veerabhadran; ROCKSTRÖM, Johan; SCHEFFER, Marten; SCHELLNHUBER, Hans Joachim; SVEDIN, Uno – «The Anthropocene: from global change to planetary stewardship». In *Ambio*. Vol. 40, N.º 7, pp. 739-761. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13280-011-0185-x>.